

XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009.

Impressões da vida política argentina em fins da década de 1910 por um diplomata e intelectual brasileiro: Manoel de Oliveira Lima.

Gerab Baggio, Kátia.

Cita:

Gerab Baggio, Kátia (2009). *Impressões da vida política argentina em fins da década de 1910 por um diplomata e intelectual brasileiro: Manoel de Oliveira Lima*. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-008/11>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Impressões da vida política argentina em fins da década de 1910 por um diplomata e intelectual brasileiro: Manoel de Oliveira Lima

Kátia Gerab Baggio
Departamento de História
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Este trabalho pretende abordar a vida política argentina nos inícios do século XX por um outro ângulo: o olhar estrangeiro. Neste caso, vindo de um país vizinho, o Brasil. Objetiva-se analisar as impressões e reflexões sobre a política argentina elaboradas pelo historiador e diplomata Manoel de Oliveira Lima (1867-1928), um dos principais intelectuais brasileiros de sua geração.¹ O autor publicou uma vasta e diversificada obra: mais de vinte livros, além de opúsculos, artigos, conferências e manuais didáticos que versam sobre a história do Brasil no período colonial e monárquico (particularmente a história política do Brasil Império); história de Pernambuco, seu estado natal; história diplomática e política internacional; coletâneas de colaborações à imprensa; literatura brasileira e estrangeira; impressões de viagens e memórias. Entre suas obras, inclui-se o volumoso livro sobre o denominado Período Joanino, intitulado *Dom João VI no Brasil*, considerado por vários estudiosos do autor como seu principal trabalho.²

Seu livro *Na Argentina (impressões 1918-19)* —publicado em 1920, com 263 páginas— contém reflexões sobre o país platino escritas durante a estada do autor na Argentina, durante quase sete meses, entre meados de 1918 e inícios de 1919. A obra

¹ Além das suas funções junto ao Ministério das Relações Exteriores, Oliveira Lima estabeleceu vínculos com algumas das mais importantes instituições intelectuais brasileiras de sua época: foi membro ou sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), da Academia Brasileira de Letras (ABL), do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAGP) e da Academia Pernambucana de Letras (APL). Também atuou como colaborador em importantes jornais e revistas do Brasil e do exterior: *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), *O Estado de São Paulo*, *Correio da Manhã*, *O Imparcial*, *Jornal do Recife*, *Diário de Pernambuco*, *La Prensa* (Buenos Aires), *Revista Brasileira*, revista *ABC*, *Boletim da União Pan-Americana*, *Hispanic American Historical Review*, *The Pan-American Magazine*, *La Revue* (Genebra). Publicou, ademais, inúmeros livros no Brasil e no exterior. Ou seja, teve uma intensa e constante atividade e inserção intelectual em espaços de prestígio.

² Esta obra foi recentemente reeditada: OLIVEIRA LIMA, Manoel de. *Dom João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, 790 p. (1ª. edição de 1908).

também inclui conferências e discursos pronunciados pelo autor em distintas e importantes instituições culturais e educacionais argentinas.³

Entretanto, antes de tratar propriamente das considerações de Oliveira Lima sobre a Argentina —contidas, particularmente, no livro já citado—, farei uma síntese sobre a trajetória pessoal, profissional e intelectual de Manoel de Oliveira Lima. E, também, algumas breves referências acerca de sua obra, em especial, sobre seus trabalhos relacionados ao continente americano, nos quais o autor analisou aspectos políticos e sócio-culturais dos Estados Unidos, da América Latina e das relações entre as Américas. As interpretações do autor brasileiro sobre a vida política, social e intelectual argentina, no final da década de 1910, tornam-se mais claras a partir da inserção de seu livro sobre o país vizinho na sua trajetória e obra.⁴

Oliveira Lima distinguiu-se no meio diplomático, político e intelectual brasileiro não só por sua intensa e relevante produção, como também por seu gosto pela polêmica e explicitação de posições sobre a política nacional e internacional que, com frequência, estimularam o debate e a controvérsia, contribuindo para o surgimento de inúmeros aliados e, por outro lado, desafetos e inimigos, dentro e fora do Ministério das Relações Exteriores, também conhecido como Itamaraty.⁵

Manoel de Oliveira Lima era filho de um comerciante português bem sucedido, proprietário de escravos domésticos, estabelecido no Recife —capital do estado de Pernambuco, nordeste do Brasil—, e de mãe pertencente a família de arrendatários de engenho de cana-de-açúcar. Ou seja, ainda que não fosse propriamente descendente da aristocracia agrária pernambucana, ligava-se a esta através da atividade rural da família materna —como fez questão de salientar em suas memórias.⁶ Pelo casamento, o historiador pernambucano também buscou consolidar seus laços com a oligarquia regional, já que sua esposa, Flora Cavalcanti de Albuquerque, pertencia a uma tradicional família de proprietários de terras e engenho de açúcar.⁷

³ OLIVEIRA LIMA, Manoel de. *Na Argentina (impressões 1918-19)*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1920, 263 p.

⁴ Sobre a trajetória pessoal, profissional e intelectual de Oliveira Lima, ver MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2001.

⁵ O nome Itamaraty vem da associação da antiga sede do Ministério das Relações Exteriores —situada na Rua Larga, no Rio de Janeiro, desde 1899— a seu antigo proprietário, o Barão Itamaraty. O costume tornou-se lei em 1967. A partir de então, o MRE passou a ser denominado, oficialmente, Itamaraty.

⁶ Ver OLIVEIRA LIMA. *Memórias (estas minhas reminiscências...)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937 (obra póstuma).

⁷ Cf. MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 29-50.

Realizou sua formação educacional em Lisboa, para onde sua família se transferiu ainda na infância do futuro diplomata. Também na capital portuguesa, formou-se no Curso Superior de Letras. Começou cedo na carreira diplomática, pouco antes de completar 23 anos, como adido de primeira classe da Legação do Brasil em Lisboa. No ano seguinte, já era segundo secretário. Depois de Portugal (1890-1892), Oliveira Lima ocupou postos diplomáticos em Berlim (1892-1895), Washington (1896-1900), Londres (1900-1901), Tóquio (1901-1903); Caracas (1905-1906); Bruxelas e Estocolmo (1908-1912) até que, em 1913, depois de conflitos e dissabores na carreira, solicitou e obteve a aposentadoria no Itamaraty.

Dedicou-se, a partir de então, às atividades acadêmicas. Obeso e com problemas de saúde, ainda assim continuou a viajar pelo Brasil e exterior, além de escrever, publicar, ministrar conferências e cursos. Voltou aos Estados Unidos, em outubro e novembro de 1912, para uma série de conferências em doze universidades do país, entre elas, algumas das mais importantes, como Stanford, Berkeley, Chicago, Columbia, Yale e Harvard. Essas conferências foram repetidas no Rio de Janeiro, no ano seguinte, e reunidas no livro *América Latina e América Inglesa: a evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*.⁸

Foi, também, professor visitante na Universidade de Harvard —durante um semestre letivo, de 1915 a 1916— e viajou pela Argentina, de 1918 a 1919, ocasião em que ministrou conferências, conheceu algumas das principais cidades do país, além de estabelecer relações intelectuais e de amizade com personalidades do mundo político, intelectual e diplomático.⁹ Finalmente, em 1920, mudou-se para os Estados Unidos e dedicou os últimos anos de sua vida a lecionar na Catholic University of America (CUA), em Washington (D. C.), e a instalar e organizar sua valiosíssima biblioteca — com cerca de 45.000 volumes, muitos deles raros—, doada para essa mesma instituição, com a condição expressa da CUA criar e manter uma cadeira de língua portuguesa e história literária e econômica de Portugal e do Brasil. Além disso, continuou a escrever e publicar obras históricas, artigos em revistas acadêmicas e jornais —entre outros, *La Prensa*, de Buenos Aires—, além de escrever suas memórias —de publicação póstuma— e inaugurar uma cadeira de Estudos Brasileiros na

⁸ OLIVEIRA LIMA. *América Latina e América Inglesa: a evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1914, 188 p.

⁹ Viagem que deu origem ao livro *Na Argentina (impressões 1918-19)*.

Faculdade de Letras de Lisboa, em 1923. Faleceu em Washington, onde foi enterrado, em março de 1928.

Oliveira Lima, em vários dos seus textos, escreveu sobre o continente americano e as relações entre as Américas. Em 1899, publicou *Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais*, a partir de sua experiência como diplomata naquele país, que se estendeu de 1896 a 1900.¹⁰ Nesse livro, manifestou vivo entusiasmo pelo país anglo-saxão: elogiou o “progresso material”, a “paixão pelo estudo” e a “energia individual”.¹¹ O diplomata brasileiro reconhecia nos Estados Unidos uma potência emergente e aceitava a Doutrina Monroe como um princípio de defesa continental. A percepção do desenvolvimento rápido e impressionante dos Estados Unidos levou o historiador brasileiro a justificar a política externa adotada pelos norte-americanos nos continentes americano e asiático. Oliveira Lima —que vivia nos Estados Unidos por ocasião da Guerra Hispano-Americana e cujo livro de impressões sobre o país foi publicado no ano seguinte ao conflito— tinha clareza sobre o caráter intervencionista da política externa estadunidense, mas justificava essa perspectiva com base na idéia de que as “nações fortes” têm uma “eterna condição” de se expandir e se tornar “conquistadoras”, como uma espécie de “lei natural”, e que a única maneira que os “países fracos” têm para evitar a dominação é o empenho para alcançar o progresso e a prosperidade. O autor, apesar de reconhecer o nascente “apetite imperialista” dos EUA —denomina os conflitos nas Filipinas “guerra de conquista, [...] guerra de extermínio”—, terminou, em fins do século XIX, por justificar as investidas norte-americanas na América Central, Caribe e no Extremo Oriente, ainda que com evidentes ressalvas. Ou seja, Oliveira Lima percebeu e afirmou de maneira inequívoca que as ações intervencionistas e expansionistas dos Estados Unidos, realizadas em nome do monroísmo, tinham um caráter colonialista e imperialista. Entretanto, em sintonia com as diretrizes do Itamaraty —que pretendia estabelecer relações mais estreitas com o país do norte e tornar-se uma espécie de aliado preferencial dos Estados Unidos na América do Sul—, o diplomata pernambucano manteve sua admiração pelo país anglo-

¹⁰ OLIVEIRA LIMA. *Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1899, 524 p.

¹¹ OLIVEIRA LIMA. *Nos Estados Unidos*, p. 1.

saxão e a sua convicção de que não havia qualquer risco de intervenção dos Estados Unidos no Brasil, considerado por ele “a primeira potência da América do Sul”.¹²

Alguns anos depois, certamente impactado pelas suas experiências em Tóquio e Caracas, e pelo endurecimento da política externa intervencionista e militarista dos Estados Unidos, o autor tornou-se um dos críticos mais combativos da proposta pan-americanista formulada por James Blaine. Por ocasião da III Conferência Pan-Americana, realizada no Rio de Janeiro em 1906, Oliveira Lima escreveu, antes e depois do evento, vários artigos polêmicos que combatiam a Doutrina Monroe, a política do *big stick* de Theodore Roosevelt e a política externa norte-americana para a América Latina.¹³ As críticas contidas nesses artigos valeram ao autor choques políticos irreparáveis com o Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912, e com o seu colega Joaquim Nabuco, embaixador em Washington e defensor de uma aliança incondicional do Brasil com os Estados Unidos.¹⁴

De maneira diversa da posição anteriormente explicitada no livro de 1899, nos textos de *Pan-americanismo*, Oliveira Lima afirmou que, na prática, o monroísmo pouco ou nada tinha protegido as repúblicas ibero-americanas das agressões européias. Ao contrário, servia como mecanismo de justificação das agressões dos próprios Estados Unidos. Para o diplomata, reconhecer essa doutrina significava abdicar da soberania para consagrar o princípio da intervenção. Sustentou que o monroísmo tinha sido sempre uma doutrina egoísta e que nunca tinha representado garantia recíproca de defesa e soberania, pois os Estados Unidos se reservaram o direito de escolher quando e porque aplicá-la, de acordo com seus próprios interesses.

Para corroborar suas posições, lembrou a Guerra Hispano-Americana de 1898, afirmando que a transformação de Cuba em um Estado totalmente subordinado aos interesses dos Estados Unidos e a conversão de Porto Rico e das Filipinas em colônias norte-americanas demonstraram os reais interesses contidos na idéia da “América para os americanos”. A manobra política do governo norte-americano para

¹² OLIVEIRA LIMA. *Nos Estados Unidos*, p. 361-513 *passim*; MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 122-131.

¹³ Esses artigos foram reunidos em: OLIVEIRA LIMA. *Pan-americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt)*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980, 198 p. (1ª edição de 1907). Os artigos foram originalmente publicados nos jornais *Diário de Pernambuco* e *O Estado de São Paulo*, entre 1903 e 1907.

¹⁴ Joaquim Nabuco foi embaixador do Brasil nos Estados Unidos desde a criação da Embaixada, em janeiro de 1905, até sua morte, cinco anos depois, em janeiro de 1910. Em julho de 1906, veio ao Rio de Janeiro para presidir a III Conferência Pan-Americana.

separar o Panamá da Colômbia, apoderar-se de uma parte significativa do território do novo país e construir o canal interoceânico também foi lembrada por Oliveira Lima como uma confirmação das suas críticas aos Estados Unidos. Sem deixar qualquer margem a dúvidas acerca de suas opiniões, afirmou: “É força ter presente que a doutrina de Monroe só veda conquistas na América aos europeus, não as veda aos americanos do norte”. E arrematou: “... não há que nos fazermos ilusões, o período que atravessamos é de imperialismo, portanto de ameaça latente”.¹⁵ Para ele, acreditar na Doutrina Monroe tal qual ela foi enunciada, com o objetivo de impedir as intervenções européias no continente, era ingenuidade. A doutrina, com o corolário de Roosevelt, expresso na política do *big stick*, teria se adaptado perfeitamente ao imperialismo.

O tema do pan-americanismo e das relações entre as Américas era central no debate da época. As idéias circulavam entre intelectuais, políticos e diplomatas e provocavam polêmicas acirradas entre os contendores. O meio intelectual era restrito, mas atuante e diretamente envolvido com as principais questões políticas e culturais do período.

Numa crítica à política externa brasileira, Oliveira Lima considerou que, enquanto as repúblicas hispano-americanas, com a Argentina e o Chile à frente, faziam causa comum na resistência ao domínio norte-americano, o Brasil “sentia que nada tinha a temer e até se sentia com vigor para aspirar e dividir com os Estados Unidos a ‘hegemonia hemisférica’”.¹⁶

Coerentemente com as idéias expressas a favor da soberania dos Estados latino-americanos, Oliveira Lima apoiou a Doutrina Drago, que se opunha ao uso das Forças Armadas de um país contra outro, como instrumento de pressão para cobrar dívidas. Luis María Drago (1859-1921), jurista e ministro das Relações Exteriores da Argentina, enunciou sua doutrina, em 1903, como resposta ao bloqueio dos portos venezuelanos por navios de guerra ingleses, alemães e italianos, no ano anterior, com o objetivo de obrigar a Venezuela a saldar dívidas.¹⁷ O argumento central do ministro argentino era que os credores, de qualquer país, em razão da suspensão do pagamento dos juros, não tinham o direito de reclamar a ação armada dos seus governos contra os

¹⁵ OLIVEIRA LIMA. *Pan-americanismo*, p. 99-100.

¹⁶ OLIVEIRA LIMA. *Pan-americanismo*, p. 42 (grifos no original).

¹⁷ Os princípios básicos da Doutrina Drago foram internacionalmente aceitos na Segunda Conferência de Paz, ocorrida em Haia, na Holanda, no ano de 1907.

devedores, levando-se em consideração que, na taxa de juros e nas negociações efetuadas entre as partes, já estavam previstos e embutidos os riscos da negociação. Além disso, e mais relevante ainda, “semelhante modo de cobrar dívidas é nada menos do que tirânico, pois nunca o empregaria uma nação grande e forte contra outra de igual magnitude e fortaleza, reservando-o tão somente para as nações pequenas e débeis”. Drago também alegava que “os governos não se organizaram para assegurar o êxito das especulações comerciais”.¹⁸ Para o jurista argentino, a cobrança das dívidas internacionais (dívidas particulares; não entre Estados, como em caso de guerra) deveria ser reconhecida e proclamada pelos tribunais do país devedor, e não exigida pela força.¹⁹

Oliveira Lima, ao considerar a relevância da Doutrina Drago, elogiou o papel político desempenhado pela Argentina na questão do bloqueio à Venezuela. O diplomata brasileiro considerava que as diretrizes da política externa argentina significavam uma reação às aspirações intervencionistas do governo de Theodore Roosevelt.²⁰

Apesar de defender a manutenção de relações favoráveis entre o Brasil e os Estados Unidos, Oliveira Lima propôs enfaticamente uma constante e maior aproximação com os países vizinhos. Segundo ele, a solidariedade entre os países ibero-americanos era imprescindível como forma de conter as agressões norte-americanas.²¹ E insiste, especialmente, na aproximação do Brasil com a Argentina.

Além da busca por relações comerciais, culturais e diplomáticas mais intensas e frutíferas entre os países ibero-americanos, Oliveira Lima destacou a educação como fator absolutamente necessário para manter a autonomia da América Latina, em concordância com outros pensadores importantes desse período. Só a educação, com um viés moralizante, poderia fazer desabrochar a “consciência nacional” e, também, a “consciência americana”. A violência deveria ceder lugar à cultura. Segundo Lima, a educação e a moralidade ajudariam a evitar a anarquia política e social.²²

¹⁸ Conforme a síntese das concepções de Drago feita por Oliveira Lima em *Pan-americanismo*, p. 22-23.

¹⁹ Cf. OLIVEIRA LIMA. *Pan-americanismo*, p. 23.

²⁰ OLIVEIRA LIMA. *Pan-americanismo*, p. 58. Theodore Roosevelt foi presidente dos Estados Unidos de 1901 a 1909.

²¹ OLIVEIRA LIMA. *Pan-americanismo*, p. 73, 111.

²² OLIVEIRA LIMA. *América Latina e América Inglesa*, p. 182-186.

O progresso material, por sua vez, viria com a industrialização. Oliveira Lima alertou para o fato de que não usava o termo “industrialismo” com o significado de uma “apurada produção fabril”, mas sim, “o amplo regime do capital em todo campo e sob toda condição de trabalho”. A extensão do capital, o estímulo econômico, o desenvolvimento da produção seriam o melhor corretivo para as lutas civis armadas, permitindo a “emancipação da classe operária”, que o autor entendia como sendo “a consciência dos próprios direitos e responsabilidades”, que viriam com a indústria.²³

Fica claro que Oliveira Lima considerava necessário o disciplinamento das massas populares, “incultas e rebeldes”. Disciplina e controle que só poderiam realizar-se mediante um projeto educacional com vistas à moralização e ao patriotismo, e através do desenvolvimento econômico, gerador de empregos.

Em relação ao continente americano, Oliveira Lima não se limitou a refletir sobre os Estados Unidos e sua política externa. Também se deteve em análises sobre a América Hispânica no século XIX e inícios do XX, preocupando-se com a trajetória política das repúblicas do continente. No período em que iniciou a escrita desses textos, primeiros anos do século XX, começou a mostrar-se saudosos do regime monárquico. Oliveira Lima desencantou-se com o regime republicano e passou a demonstrar, de forma cada vez mais evidente, sua adesão ao monarquismo —mudança que se reflete, inclusive, em sua obra historiográfica, já que o autor passou a se dedicar, cada vez com mais frequência, a investigações e análises sobre o Brasil Império. Decepcionado com os rumos da república brasileira, procurou encontrar na monarquia as razões para o que ele considerava a “ordem social e a estabilidade política” do Brasil, durante o século XIX, comparativamente à “anarquia” política e ao “caos social” das repúblicas hispano-americanas, no mesmo período.²⁴ Lima acreditava que o único remédio para a “desordem” em que haviam caído as nossas “repúblicas irmãs” teria sido a monarquia. Afirmava inclusive que o regime monárquico teria impedido a fragmentação das colônias espanholas. Considerava que o federalismo havia degenerado em toda a América Latina republicana, transformando esses países num aglomerado de províncias autônomas onde tudo dependia dos caprichos do chefe local, gerando “repúblicas doentes” e “guerras civis”. A “desordem” e a “selvageria” que

²³ OLIVEIRA LIMA. *América Latina e América Inglesa*, p. 178, 181.

²⁴ OLIVEIRA LIMA. *América Latina e América Inglesa*, p. 172.

assolavam os países hispano-americanos seriam o resultado do caudilhismo. A política demagógica dos caudilhos —considerava o autor— fascinava as massas ignorantes e inconscientes, gerando uma “anarquia perversora da moral pública de toda a nação.”²⁵

Em contraposição a esta situação “caótica” da América Hispânica, Oliveira Lima apresentou um Brasil “pacífico, estável, ordeiro”, um “modelo de liberdade e de paz para a América Latina”, “uma imagem não ilusória de civilização”. A explicação para essa estabilidade estaria na monarquia, que, além de impedir a instabilidade política, teria mantido a unidade territorial do país. A defesa da monarquia, o anti-republicanismo, o antimilitarismo e a rejeição do caudilhismo são pontos centrais na análise de Oliveira Lima a partir de inícios do século XX.²⁶

O saudosismo monarquista de Oliveira Lima não significa que ele contasse com a restauração da monarquia no Brasil. Em nenhum momento, Lima chegou a propor claramente um retorno ao velho regime como alternativa política, ainda que talvez assim o desejasse. Sua estada na Venezuela exacerbou sua oposição à ditadura militar e ao belicismo, levando-o a transformar-se num franco inimigo do militarismo, do personalismo e do emprego da força para resolver contendas políticas.²⁷

Afirmava o autor que “o grande mal das repúblicas hispano-americanas” era a “desarmonia entre a teoria e a prática”: a degeneração da liberdade em anarquia e da autoridade em despotismo. E, segundo ele, a primeira responsabilidade por esses “desvios” caberia à mestiçagem. Seguindo uma tendência marcante das análises históricas e sociológicas produzidas no decorrer do século XIX e início do XX, Oliveira Lima explicava o “atraso” da América Latina baseando-se em fatores naturais

²⁵ OLIVEIRA LIMA. *América Latina e América Inglesa*, p. 126-129.

²⁶ OLIVEIRA LIMA. *América Latina e América Inglesa*, p. 126. Ver, também: OLIVEIRA LIMA. *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, 206 p. (obra póstuma). Esse último livro foi deixado pronto para edição pelo próprio Oliveira Lima, já com o título com que foi publicado em 1953. Reúne 13 artigos que apareceram originalmente no jornal *O Estado de São Paulo (OESP)*, entre 1904 e 1906. Foram escritos, em sua maioria, no período em que o autor trabalhou em Caracas, como diplomata. Assim sendo, após um ensaio com considerações gerais sobre a vida política nas Américas, a maior parte dos artigos trata de aspectos da vida política, intelectual e cultural venezuelana. Mas o livro traz, também, textos sobre a Argentina e as Antilhas Inglesas. No primeiro ensaio e nos textos sobre a Venezuela, o autor endossa suas simpatias pelo regime monárquico, exacerbadas em suas reflexões críticas sobre as conseqüências do caudilhismo para os países hispano-americanos. Especificamente sobre a Argentina, o livro traz um texto sobre o romancista Carlos María Ocantos e um necrológio de Bartolomé Mitre, que exalta suas qualidades como historiador e homem de letras. O texto sobre Mitre foi publicado originalmente em *OESP*, em 18 de junho de 1906, cinco meses após a sua morte. Por último, aparece um texto sobre *Mecha Iturbe*, romance de César Duayen, pseudônimo da escritora argentina Emma de la Barra.

²⁷ OLIVEIRA LIMA. Aspectos venezuelanos. In: *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*, p. 110-49. Ver também o prefácio de Manoel da Silveira Cardozo, p. 47.

e raciais. O clima tropical e a mestiçagem não favoreceriam o progresso.²⁸ Como outros intelectuais de sua época, Oliveira Lima tomou por base as teorias evolucionistas e social-darwinistas para refletir sobre a questão racial. A utilização dos parâmetros *raça* e *meio* são elementos centrais no seu pensamento. Sustentava o autor que:

O progresso latino-americano surge mais pronunciado onde, como no Brasil, imperou cedo um regime de ordem e de liberdade, ou onde, como na Argentina e no Chile, foi notavelmente inferior a proporção do mestiçamento, sobretudo com o fator negro, mais baixo na escala social, mais subserviente na degradação servil e portanto mais aviltante como cruzamento. [...] Onde prepondera o fator branco, mesmo numa atmosfera de desordem, é com efeito sempre mais intenso e rápido o progresso: outro tanto acontece onde o sistema de governo for mais liberal e, além disso, mais apropriado às condições do meio social [...].²⁹

Brasil, Argentina e Chile, portanto, tinham uma situação mais favorável ao progresso, segundo o autor. O primeiro, em razão da ordem e estabilidade impostas pela monarquia, e os últimos, pela “ausência quase total do negro”.

Oliveira Lima, portanto, reiterava todas as concepções racialistas, e racistas, de sua época.³⁰ Porém, afirmava que a “fusão” racial era necessária em países que possuíam contingentes das “raças inferiores”. Afirmava que o cruzamento poderia exercer-se no sentido da degradação, mas também no “sentido inverso da elevação”. Nesse aspecto, fez uma advertência aos Estados Unidos: considerou que, apesar da “pureza da raça” ter contribuído para a “superioridade” da civilização norte-americana, com o tempo, a conservação de populações de “cor diversa” e com “sentimentos hostis” acabaria por levar ao ódio e à violência. E alertou: “o desfecho pelo amor é sempre preferível ao que é trazido pelo ódio”. A fusão racial que estava se realizando na América Latina levou o autor a acreditar que “os elementos inferiores acabarão breve por desaparecer no elemento superior”, até ao ponto de “não existirem mais mestiços, quando o sangue negro ou índio se houver diluído no sangue europeu”.³¹

²⁸ OLIVEIRA LIMA. *América Latina e América Inglesa*, p. 172-173.

²⁹ OLIVEIRA LIMA. *América Latina e América Inglesa*, p. 176 (a grafia das citações foi atualizada).

³⁰ Sobre os conceitos de racialismo e racismo, ver TODOROV, Tzvetan. *Nosotros y los otros: reflexión sobre la diversidad humana*. México: Siglo XXI, 1991 (Segunda Parte: Razas).

³¹ OLIVEIRA LIMA. *América Latina e América Inglesa*, p. 44-45.

Ao mesmo tempo em que o autor reiterava ser a mestiçagem a causa do atraso moral e social da América Latina, dizia que a fusão das raças produziria a integração moral, condição do equilíbrio social da região. Portanto, em aparente contradição, a mestiçagem era a causa do atraso e, também, a condição do equilíbrio social na América Latina. Equilíbrio a ser alcançado com o branqueamento, que levaria ao gradual desaparecimento das “raças inferiores”. Essa perspectiva via com muita simpatia, obviamente, a imigração européia para a América Latina, como fator importantíssimo para a civilização.

Ao viajar pela Argentina, durante vários meses, e escrever sobre o país vizinho, Oliveira Lima, evidentemente, não deixou de pensar no Brasil. O olhar sobre o “outro” é, com frequência, como se sabe, uma tentativa de olhar para si próprio. Ao discorrer sobre a vida política, social e intelectual argentina, o historiador brasileiro procurou, também, pensar em soluções para os problemas do seu país.

A viagem de Oliveira Lima pela Argentina ocorreu quando o autor contava com 50 anos de idade e estava aposentado do serviço diplomático, depois de uma carreira de mais de 20 anos, durante os quais viveu em diversos países e viajou por outros tantos. Além da experiência profissional, possuía uma obra expressiva. Sua viagem ao país platino teve um evidente caráter acadêmico e intelectual, além de político. O autor chegou a Buenos Aires em meados de 1918 —momento em que o mundo vivenciava os meses finais da guerra que assolava a Europa desde 1914—, tendo permanecido na Argentina por quase sete meses. Nesse contexto, o sentido político da viagem transparece ao longo do texto e, explicitamente, nas cinco conferências pronunciadas por Oliveira Lima de 26 de julho a 22 de agosto de 1918, no Instituto Popular de Conferencias (do diário *La Prensa*), na Universidad de Buenos Aires (Facultad de Derecho y Ciencias Sociales; Facultad de Filosofía y Letras); Universidad Nacional de La Plata e Biblioteca del Consejo Nacional de Mujeres. As conferências foram incluídas no livro como apêndice às impressões da viagem, juntamente com alguns discursos.³²

Não há nenhuma informação no livro sobre quem custeou a viagem e, nas obras de referência consultadas, essa informação também não aparece. É possível supor, entretanto, que, pelas atividades desenvolvidas no país vizinho, Oliveira Lima não

³² Cf. OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 187-262.

tenha financiado a própria viagem ou que, pelo menos, não a tenha custeado sozinho. Além das conferências, o autor teve uma audiência com o presidente da república; encontrou-se com importantes integrantes da vida política e intelectual do país; e visitou diversas instituições educacionais, culturais e de assistência pública. Em nenhum momento do livro, faz qualquer menção às suas atividades privadas durante os vários meses passados na Argentina e, por isso, não sabemos se viajou ou não acompanhado da esposa. Oliveira Lima não teve filhos, mas sabe-se, através de vários depoimentos, que sua esposa, Flora de Oliveira Lima, sempre o acompanhava, inclusive atuando, também, como sua secretária. Sendo assim, o custeio da viagem teria sido ainda mais oneroso. Portanto, é provável que Lima tenha obtido algum auxílio do governo argentino ou de alguma instituição particular que tenha possibilitado sua viagem.

Ainda que possa ser caracterizado como um relato de viagem, o livro de Oliveira Lima sobre a Argentina tem, como muitas narrativas de viajantes, uma natureza híbrida, misto de ensaio e impressões de viagem. O livro está dividido em onze capítulos, nos quais são abordados os mais variados temas. Tem início com os “Aspectos da terra”, em que trata da vida urbana nas cidades visitadas (Buenos Aires, Rosario, Córdoba, Tucumán), da paisagem dos campos, das atividades econômicas (produção agrícola, pecuária, extração mineral, atividade fabril), das comunicações e transportes. E não descuida, ao tratar dos meios de transporte, da necessidade de “robustecer a união nacional”, necessária para inibir resquícios de federalismo separatista.³³ O autor considera Buenos Aires a capital mais completa do Novo Mundo. Para ele, nem Nova York, naqueles anos, seria comparável à capital platina: Buenos Aires era cosmopolita sem deixar de ser elegante, uma beleza que era “resultado exclusivo do esforço do homem”. As demais cidades visitadas também demonstram a “tendência progressista”, sem descuidar do “bom gosto”.³⁴

Em “A raça em formação”, o autor aborda o povoamento e a constituição da “raça argentina”, com as correntes imigratórias, indígenas e mestiços.³⁵ Nesse capítulo, Oliveira Lima acentua, a partir de seu olhar sobre a temática racial, a “diluição” do

³³ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 19.

³⁴ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 5-23 (capítulo I: Aspectos da terra).

³⁵ O termo *raça* é utilizado aqui como sinônimo de *povo*, *nacionalidade* ou *cultura nacional*, como era freqüente no período.

“elemento nacional, puro indígena ou mestiço de espanhol e indígena que produziu o tipo *gaucho*”, frente às “ondas civilizadoras” dos imigrantes europeus. Os “tipos africanos”, por sua vez, teriam praticamente “desaparecido de circulação”. Os indígenas continuavam presentes e, em algumas províncias —como Tucumán, Chaco ou Formosa, entre outras—, nota que a proporção de índios é avultada.

O autor brasileiro cita José Ingenieros, para quem, no território argentino, em algumas dezenas de anos, “viverá uma raça composta de muitos milhões de brancos”, em um país onde os indígenas serão “raças extintas” e os *gauchos* mestiços, personagens literários. Na mesma perspectiva, o autor brasileiro endossa a idéia de que era necessária “uma boa imigração para corrigir a inferioridade da população autóctone”.³⁶ Ao tratar do *gaucho* como a encarnação, por excelência, do “tipo nacional”, Oliveira Lima ressalta, no entanto, que a vida *criolla* estava desaparecendo e o *gaucho*, conforme representado na literatura argentina, se tornando uma “recordação sentimental”. O progresso não poderia deixar espaço para o *gaucho*, cuja vida e valores eram incompatíveis com o avanço da “civilização moderna”.³⁷

Ao discorrer sobre a “aristocracia argentina”, ressalta que, ainda que estivesse formada majoritariamente por grandes proprietários de terras, abria espaço para os cultores das letras e das ciências. Como prova do cultivo da vida espiritual, o autor menciona algumas residências de famílias pertencentes às elites argentinas que se constituíam em “verdadeiros museus” ou possuíam admiráveis bibliotecas, como a de Ernesto Quesada, Dardo Rocha, Estanislao Zeballos, Ramón Cárcano, Victoria Aguirre e o General Garmendia. Vê-se que Oliveira Lima freqüentou as residências de algumas das famílias mais relevantes no meio político e intelectual da época.³⁸

Após discorrer sobre a riqueza e o “bom gosto” da aristocracia argentina, Oliveira Lima dedica-se a tentar compreender a “democracia radical”. Inicia o capítulo com as seguintes considerações:

A República Argentina é na sua essência uma democracia e pode dizer-se que sempre o foi desde a sua independência. O modo como esta se operou foi fundamentalmente democrático, como também o foi entre nós, com a diferença que no Brasil o poder foi confiado, segundo o modelo da Roma imperial, a um soberano de aclamação popular que, em vez de exercer a

³⁶ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 24-35 (capítulo II: A raça em formação).

³⁷ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 36-43 (capítulo III: A raça que se funde).

³⁸ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 44-54 (capítulo IV: A camada aristocrática).

ditadura, o partilhou porém constitucionalmente com a representação nacional; ao passo que na Argentina, em parte pela falta de educação política —falta aliás comum a toda a América hispânica— e sobretudo por efeito de circunstâncias locais, os caudilhos se sobrepujaram às oligarquias em que iam redundar os governos nascidos dos cabildos ou corporações municipais.

E, ao se referir ao governo Rosas, conclui: “o fim das democracias é quase sempre a tirania, como a solução natural das aristocracias é a oligarquia.”³⁹

Nas considerações acima, fica evidente que Oliveira Lima mantém muitas das opiniões anteriormente expostas em sua obra: a visão favorável da monarquia brasileira sob Pedro II, a percepção da América Hispânica das décadas posteriores à independência como o espaço da desordem política e uma peculiar visão sobre a democracia, a partir de premissas conservadoras.

Segundo Oliveira Lima —inspirado em Sarmiento—, o federalismo argentino, no século XIX, era demagógico e rural, oposto à tendência unitária, conservadora e urbana. Mas a “evolução democrática” na Argentina acabou por levar ao poder —depois da queda de Rosas, do triunfo dos unitários e dos governos oligárquicos— o radicalismo, com o presidente Hipólito Yrigoyen, que venceu nas urnas, de maneira “estrondosa”, a poderosa oligarquia que dominava há décadas a vida política do país. Segundo o historiador brasileiro, teria sido uma “revolução incruenta mas profunda”. A partir das últimas décadas do século XIX, a sociedade argentina foi se transformando rapidamente, com a imigração em massa, a formação de uma classe média, a organização dos trabalhadores que passaram a reivindicar seus direitos —principalmente nas cidades, mas também nos campos— e o crescimento de uma intelectualidade que não encontrava espaço nos governos oligárquicos. Lima reconhece que a reforma eleitoral conhecida como Lei Saenz Peña, de 1912 —que estabeleceu o sufrágio masculino universal, secreto e obrigatório para todos os cidadãos natos ou naturalizados maiores de 18 anos—, ampliou consideravelmente a proporção de eleitores e inibiu as fraudes eleitorais, comuns na décadas anteriores. Essa reforma teve, portanto, um papel fundamental para a vitória do radicalismo nas eleições presidenciais de 1916. O autor brasileiro também ressalta a intenção do presidente

³⁹ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 55 (capítulo V: A democracia radical).

Yrigoyen de pautar seu governo pela moralidade administrativa e austeridade, contrastando com a corrupção que grassou nas décadas de domínio oligárquico.

Oliveira Lima elogia Yrigoyen e não vê sustentação para as duras críticas ao seu governo por parte da oposição, ainda mais se forem levadas em consideração as dificuldades impostas pela guerra e a hostilidade do Congresso. O autor faz ressalvas ao governo radical, no entanto, em um único ponto: a frequência com que o Executivo nacional promovia intervenções na vida das províncias. Ainda que defenda um poder central forte, para evitar a volta da “anarquia”, considera que intervenções excessivas poderiam se converter em uma “centralização despótica”.⁴⁰

O capítulo seguinte, continuação do anterior, é dedicado a analisar a presidência de Hipólito Yrigoyen, com o qual o historiador e diplomata aposentado chegou a ter uma audiência. O texto é muito favorável ao presidente, além de estar permeado de elogios e críticas à oposição conservadora. Lima destaca em Yrigoyen a probidade, franqueza e “simpatia humana”. O texto realça uma série de características positivas relacionadas ao presidente: a moralidade administrativa; a honestidade; a sincera defesa da democracia; o nacionalismo de convicção; a opção pela neutralidade da Argentina diante da guerra na Europa; o senso de humanidade; a sensibilidade às reivindicações dos trabalhadores e dos mais pobres; sua preocupação com a expansão econômica das províncias; seu americanismo, respeito pelas demais soberanias nacionais e defesa da concórdia internacional.⁴¹

Ao longo de todo o capítulo sobre o presidente argentino, o historiador brasileiro trata de enumerar algumas das críticas mais recorrentes dos seus opositores —particularmente os conservadores— ao seu estilo de governar, à sua personalidade etc. E, em seguida, Oliveira Lima trata de minimizar, recusar ou mesmo desqualificar essas críticas. Não pairam quaisquer dúvidas sobre o apoio do diplomata aposentado ao presidente do país vizinho.

O autor também se manifesta em relação às idéias socialistas. Considera o avanço do Partido Socialista previsível, em um país com tão grande contingente de operários e de imigrantes, e ressalta a eleição de seis deputados socialistas para o Congresso Nacional. Oliveira Lima defende com veemência a necessidade de adoção

⁴⁰ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 55-71 *passim* (capítulo V: A democracia radical).

⁴¹ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 72-92 *passim* (capítulo VI: O presidente Yrigoyen).

de reformas sociais, necessárias, inclusive, para evitar o fortalecimento do anarquismo, chamado por ele de “doutrina demolidora”.⁴²

Lima chega a afirmar que “a democracia coletivista [afigurava-se] a diretriz necessária da evolução política da sociedade argentina num futuro mais ou menos próximo”. Por coletivismo, o autor compreende, inclusive, a expropriação dos latifúndios e a distribuição mais eqüitativa das terras e das riquezas, além do atendimento aos direitos dos trabalhadores. E acrescenta: “quer isto dizer que a República Argentina terá dentro em pouco que encarar uma questão agrária que o radicalismo provocará, mas que o socialismo será chamado a resolver”.⁴³

Oliveira Lima defende, também, a emancipação civil da mulher, com o objetivo de acabar com a sua inferioridade jurídica diante do homem. E, mais uma vez, enfatiza a necessidade premente da ampliação da legislação trabalhista, inclusive para evitar o aumento da freqüência e da violência dos movimentos grevistas.⁴⁴

O autor presenciou, em Buenos Aires, os episódios que ficaram conhecidos como a “Semana Trágica”, entre 7 e 11 de janeiro de 1919. Tendo início com uma greve de metalúrgicos deflagrada no dia 02 de dezembro de 1918, a situação agravou-se no dia 07 de janeiro com um embate entre a polícia e os grevistas. Os policiais reprimiram os grevistas com extrema dureza, deixando um saldo de quatro mortos e mais de trinta feridos, alguns dos quais falecidos posteriormente. Outras categorias de trabalhadores paralisaram as atividades em solidariedade aos metalúrgicos e desencadearam uma greve geral. A violência se espalhou pela cidade, com novos enfrentamentos entre trabalhadores e policiais e um número incerto de mortos e feridos, que se calcula às centenas, com vítimas de ambos os lados da contenda, ainda que, certamente, em número muito maior do lado dos trabalhadores.⁴⁵

Buenos Aires se transformou, durante quase uma semana, em terra de ninguém, com suas atividades paralisadas e a violência disseminada. Finalmente, o Exército assumiu a situação, com a repressão generalizada de manifestantes e grevistas, além da prisão de milhares de pessoas —a maioria das quais libertada ao final da semana.

⁴² OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 66-67.

⁴³ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 76-77.

⁴⁴ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 77-78.

⁴⁵ O jornal socialista *La Vanguardia*, no dia 14 de janeiro, registrou um total de 700 mortos e mais de 2000 feridos —trabalhadores, mulheres e crianças— ao longo de toda a semana. Cf. Semana Trágica. In: <http://www.paginadigital.com.ar/articulos/2004/2004prim/noticias2/17177-1.asp> (acesso: 28/07/2009).

Contou para essa ação com a colaboração de grupos civis armados, organizados a partir do Círculo Naval, que se dedicaram a perseguir e atacar os sindicatos, organizações de esquerda, além de imigrantes, principalmente os espanhóis e judeus, identificados como “anarquistas” e “maximalistas”. Esses grupos armados, constituídos principalmente por jovens de direita, formaram a Liga Patriótica Argentina, que se tornou uma poderosa associação política conservadora nos anos seguintes, que militava em defesa da pátria, da ordem e da propriedade, com um discurso antidemocrático e antiliberal.

No dia 11, as negociações entre o governo, a empresa metalúrgica e o sindicato resultaram em concessões importantes por parte dos patrões: diminuição da jornada de trabalho de onze para oito horas; aumento salarial que variava, de acordo com o salário, entre 20 e 40%; aumento do valor pago pelas horas extras; adicional para o trabalho dominical. Ou seja, parte importante das reivindicações havia sido conquistada (ao menos nas negociações).

Entretanto, após a “Semana Trágica”, as greves não diminuíram, ao contrário. Ao longo do ano, aumentaram em frequência e intensidade, tanto nas cidades como nas zonas rurais. O ano de 1919 marcou uma mudança na atitude do governo radical em relação aos movimentos grevistas e de protesto: se antes da “Semana Trágica” o governo Yrigoyen buscou a negociação, a partir de janeiro desse ano passou a adotar os velhos mecanismos repressivos, utilizando-se da polícia, do Exército, além da colaboração da Liga Patriótica.⁴⁶

Sobre os graves acontecimentos da “Semana Trágica”, assim comentou o autor brasileiro (ainda que longa, a citação é muito expressiva sobre a visão de Oliveira Lima acerca dos embates entre trabalho e capital):

Buenos Aires teve uma amostra do que se pode planejar na sombra dos seus cortiços nos acontecimentos de janeiro de 1919, quando aproveitando uma parede [greve] geral de solidariedade operária, elementos compostos na sua grande maioria de maximalistas russos e anarquistas catalães praticaram atos de destruição e intentaram assaltar e ocupar o edifício da polícia e respectivos comissariados, depondo as autoridades a meio do pânico por eles criado. A cidade levou dias a

⁴⁶ Sobre o primeiro governo Yrigoyen, a Semana Trágica, a criação da Liga Patriótica Argentina e a conjuntura política desse período, ver: HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Vida y muerte de la república verdadera (1910-1930)*. Buenos Aires: Ariel, 2005; ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de Argentina*. México: FCE, 1994, 50-71.

recobrar sua normalidade e restabelecer-se do alarme [...]. Assisti aos sucessos daqueles dias de perturbação que se espalhou pelo país, dias de muitos sustos e de bastantes angústias [...]. O general Dellepiane, a quem coube a tarefa de repressão e que assumiu com o comando militar virtualmente os poderes civis do chefe de polícia, soube ser enérgico ao mesmo tempo que clemente e, no combinar assim a decisão e a conciliação, refletiu perfeitamente as disposições do presidente Yrigoyen. A sociedade argentina mostrou portanto ser apta para governar-se e o chefe do Estado deu pessoalmente prova de um predicado superior e mais que todos indispensável para o exercício de tais funções, que é a serenidade [...]. Se fez reprimir pela polícia e tropa os excessos anarquistas, não provocou os elementos são que entravam na demonstração em sua forma inicial, sabendo distinguir entre intuítos nihilistas e reivindicações socialistas, não obstante terem estas sido o ponto de partida de uma demonstração que outros elementos, os perigosos, pretenderam levar até o bolshevikismo [sic]. Assim foi que convenceu a direção do estabelecimento metalúrgico Vasena da boa razão das reclamações operárias. Nem seria possível repeli-las *a priori*, quando em muitos casos são impregnadas de justiça. O capital ainda mais egoísta é quando distante, e mesmo o que se acha próximo, não palpita de ordinário senão pelos seus lucros. [...] Não deve ser esquecido que na agitação de janeiro se enxertara, se a não instigara, uma sedição manobrada por estrangeiros audazes, conspiradores de profissão a que se juntaram agentes de última hora, e também que os partidos conservadores estão sempre à espreita de quanto for de natureza a incompatibilizar o governo radical com o favor popular. Dessa vez porém o instinto de conservação social foi mais poderoso do que o espírito de oposição e aqueles elementos conservadores prestigiaram no seu próprio interesse a ação oficial retratada na repressão da desordem, unindo-se à polícia e ao exército os particulares “que têm o que perder” [...].⁴⁷

Como fica claro na citação, para o autor brasileiro, ocorreram distúrbios provocados por estrangeiros, bolchevistas e anarquistas, elementos considerados perigosos. Considera que o chefe de polícia agiu com clemência e não admite os excessos repressivos. Apenas aceita as reivindicações operárias “dentro da ordem”.

Em outra passagem, mais adiante, Oliveira Lima explicita mais uma vez sua posição: deve-se “encaminhar o problema das relações do trabalho e do capital para uma solução equitativa que traduza autonomia para o primeiro e remuneração para o segundo, sem ir com o maximalismo [bolchevismo] até a negação da propriedade

⁴⁷ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 78-81 *passim* (grifos no original).

individual, a socialização de toda a vida econômica e a dissolução da própria família”.⁴⁸

Não deixa de ser surpreendente que o mesmo autor que criticou, no caso brasileiro —em texto escrito cerca de 12 anos antes—, a maneira “repentina” com que se deu a abolição da escravatura, sem indenização aos proprietários⁴⁹, apóie, na Argentina, a reforma agrária e a expropriação de latifúndios, além do atendimento às reivindicações de operários, desde que feitas “dentro da ordem”. Mas não se deve esquecer que Oliveira Lima já havia, ao longo de sua vida, revelado radicais mudanças de posição política. Nos últimos anos do século XIX, após a proclamação da República no Brasil, apoiava decididamente o novo regime, para revelar-se, anos depois, um duro crítico da república e um saudosista da monarquia. Em relação ao monroísmo, também modificou sua visão ao longo dos anos. Quando atuou como diplomata nos Estados Unidos, de 1896 a 1900, apoiava a proposta pan-americanista do governo norte-americano, para, alguns anos depois, tornar-se um dos seus mais agudos críticos. É perceptível que Oliveira Lima permitia-se, em poucos anos, mudar drasticamente de opinião, acerca de temas importantes e mesmo centrais. As transformações conjunturais, bem como sua reavaliação da realidade e dos problemas político-sociais levaram, muitas vezes, o diplomata e historiador brasileiro a rever posições e a explicitar de maneira veemente essas mudanças.

O início da Revolução Mexicana em 1910; a eclosão da Grande Guerra em 1914; a vitória dos bolcheviques na Rússia em 1917; o avanço das idéias anarquistas e socialistas; a circulação crescente de concepções marxistas e leninistas; o crescimento do operariado; o surgimento de organizações e partidos de esquerda; o aumento dos movimentos grevistas e a sua radicalização; o avanço do imperialismo e do neocolonialismo; o desrespeito à soberania dos Estados nacionais, entre outras alterações profundas que o mundo e, particularmente, os países latino-americanos vivenciavam na década de 1910, levaram Oliveira Lima a rever várias de suas posições explicitadas nos últimos anos do século anterior e nos primeiros anos do século XX. Ao perceber o risco da eclosão de revoltas e revoluções, com conseqüências imprevisíveis e profundas, Oliveira Lima passou a aceitar e apoiar a adoção de

⁴⁸ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 91.

⁴⁹ OLIVEIRA LIMA, Manoel. *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*, p. 96. Ver o prefácio de Manoel da Silveira Cardozo, p. 46-47.

reformas sociais como a única maneira de se evitar a “subversão”, as revoluções e as guerras civis.⁵⁰ Além disso, fez campanha, a partir de 1914, pelo pacifismo e pela neutralidade dos países latino-americanos. Nas conferências que ministrou na Argentina, o tema mais constante foi exatamente a defesa da neutralidade e do pacifismo do continente americano em relação à guerra que se travava na Europa.⁵¹

Em relação aos significativos elogios que fez ao presidente Hipólito Yrigoyen e ao governo da União Cívica Radical, é muito provável que suas opiniões tenham sido francas. Ainda que Oliveira Lima tenha obtido recursos oficiais para viabilizar a viagem, os elogios ao governo radical poderiam ter sido mais comedidos, caso não fossem sinceros. Além disso, considerando-se que Oliveira Lima estava aposentado da diplomacia; que, durante toda a sua vida, manifestou publicamente suas posições políticas, até as mais polêmicas⁵²; e que era conhecido por sua franqueza, direta e sem rodeios, não creio que haveria, nesse momento da vida do autor —o livro foi publicado no mesmo ano de sua mudança para Washington—, algum motivo mais forte para que seus elogios a Yrigoyen não correspondessem, de fato, ao seu julgamento, pelo menos em relação às questões mais importantes que foram abordadas nos capítulos sobre o governo da UCR.

O sétimo capítulo do livro é dedicado aos serviços de assistência pública aos órfãos, menores abandonados, doentes, idosos, deficientes físicos e mentais etc. Oliveira Lima trata do funcionamento da Sociedade de Beneficência oficial e, como em outros aspectos, seu texto é farto em elogios ao sistema de assistência da república platina. O autor comenta as visitas a diversos estabelecimentos sob a supervisão da Sociedade de Beneficência, quatorze no total: orfanatos, hospitais, sanatórios, clínicas, asilos e “casas de alienados”. Sobre as últimas, faz questão de mencionar que os internos eram chamados, em todas elas, de enfermos, e que os métodos antigos, de

⁵⁰ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 76-81.

⁵¹ As cinco conferências, pronunciadas entre julho e agosto de 1918, foram: “Os elementos de paz no Novo Mundo”; “A Sociedade das Nações Americanas e o Direito das Gentes”; “A diplomacia secreta e a diplomacia mundana”; “Recordações diplomáticas” e “O meu professorado em Harvard”. In: OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina (impressões 1918-19)*, p. 187-254.

⁵² A explicitação de suas convicções políticas com toda a clareza, mesmo quando contrárias à posição oficial do Itamaraty, teve como consequência o surgimento de dificuldades crescentes nas suas relações com o Barão do Rio Branco e com outras figuras importantes e poderosas da diplomacia brasileira. Não há dúvida de que essas desavenças obstaculizaram, inclusive, sua ascensão na carreira diplomática e o levaram a decidir-se pela aposentadoria. Cf. MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, 2001.

tortura, tinham desaparecido “por completo”. Dá especial destaque às colônias de alienados de Luján, na província de Buenos Aires, e de Olivos, na província de Córdoba. Os dois estabelecimentos funcionavam em sistema denominado *Open Door*, em que os pacientes não são segregados, trabalham voluntariamente e têm distrações. Afirma ter sido sua visita à colônia de Luján “um dos espetáculos que mais [o] impressionaram na República Argentina”.⁵³ Nesse capítulo, o autor ainda se detém no exame do sistema carcerário. Visita a penitenciária de Córdoba e ressalta a política de busca de regeneração dos presos, através do trabalho, da educação, da edição de um periódico pelos próprios detentos, entre outras atividades. Na Argentina, as cadeias teriam deixado, segundo Lima, de ser meros depósitos infectos. Enaltece a organização, eficiência, instalações, higiene etc. Também comenta acerca de instituições particulares que prestavam serviços de assistência social, ligadas ou não à Igreja Católica. Mesmo assim, reconhece a insuficiência dos estabelecimentos existentes frente às necessidades da população e a premência em descentralizar o atendimento, espalhando-o pelas províncias.⁵⁴

Não poderia faltar em seu livro um capítulo dedicado à educação. Faz uma síntese do sistema educacional, das escolas primárias às universidades (Córdoba, Buenos Aires, La Plata, Tucumán e Santa Fé), passando pelas escolas especiais (militares, agrícolas etc.). Uma das questões abordadas é o movimento de reforma universitária, iniciado em Córdoba, em setembro de 1918, por iniciativa dos estudantes.⁵⁵ Sobre os episódios do movimento universitário, comenta o historiador brasileiro:

Tive o ensejo de assistir por assim dizer à transformação universitária argentina, isto é, à radicalização do seu ensino superior, levada a cabo pela iniciativa dos estudantes [...]. Aqueles a quem repugna essa virtual preponderância, não só moral como positiva, do corpo discente sobre o docente, chamam à nova ordem de coisas o sistema dos *soviets*, equiparando os estudantes aos *bolsheviki* [sic] e esquecendo que a culpa

⁵³ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 101.

⁵⁴ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 93-110 (capítulo VII: O espírito social e os serviços de assistência pública).

⁵⁵ Sobre o movimento pela Reforma Universitária na Argentina, ver: PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina: el proceso de la Reforma Universitaria (1918-1938)*. 2ª. ed., México: Siglo XXI, 1987; BUCHBINDER, Pablo. *Revolución en los claustros? La Reforma Universitaria de 1918*. Buenos Aires: Sudamericana, 2008; HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Vida y muerte de la república verdadera (1910-1930)*. Buenos Aires: Ariel, 2005.

recai em boa parte sobre o professorado. Este afastou-se bastante dos seus deveres nos tempos em que era único a mandar, desprezando a pura chama educativa, organizando camarilhas pedagógicas que acabavam por fechar-se à própria renovação intelectual e explorando a situação criada pelas circunstâncias e pela intenção no benefício dos seus interesses, fornecendo aos alunos umas lambugens de saber e utilizando a cátedra como pedestal para posições políticas.⁵⁶

Oliveira Lima deixa claro em que lado se situou nos episódios da reforma universitária: a favor da renovação do ensino superior protagonizada pelos estudantes. E defende o papel da universidade como um “centro aberto de irradiação de cultura”. Elogia, por exemplo, o perfil mais moderno da Universidad Nacional de La Plata.

Como auxiliares poderosos para a educação da população argentina, o viajante brasileiro ressalta o papel das bibliotecas, da imprensa e das instituições culturais — como, por exemplo, o Instituto Popular de Conferências, do diário *La Prensa*, presidido por Estanislao Zeballos.⁵⁷

A construção e o culto da memória nacional também comparecem nas impressões sobre a Argentina escritas por Oliveira Lima. Cita como “lugares de memória”⁵⁸, entre outros por ele visitados, o Museu Histórico Nacional; o Museu Mitre; a Quinta Pueyrredón e a Casa Histórica da Independência, em Tucumán. Considera que na Argentina havia um verdadeiro amor à tradição nacional, particularmente em relação aos eventos e personagens relacionados ao processo de independência, momento em que, de fato, teria nascido a “tradição argentina”.⁵⁹

Os dois últimos capítulos são dedicados a personalidades da vida cultural, intelectual e política do país. Em “Figuras literárias”, o autor faz rápidos comentários sobre a obra de expoentes das letras na Argentina, tanto do século XIX como contemporâneos: Esteban Echeverría, D. F. Sarmiento, J. B. Alberdi, José Ingenieros, Lucas Ayarragaray, C. O. Bunge, Leopoldo Lugones, Ricardo Rojas, Manuel Gálvez, entre outros. E demonstra especial predileção por Juan Agustín García e Hugo Wast, admirador que era da linguagem concisa e clara. Além de romances, aborda o teatro, a poesia e a produção historiográfica. Nessa última área de estudos, faz referências a

⁵⁶ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 114-115.

⁵⁷ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 111-125 (capítulo VIII: O amor à instrução).

⁵⁸ Para o conceito de “lugar de memória”, ver: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

⁵⁹ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p. 126-133 (capítulo IX: O carinho pela tradição).

Ricardo Levene, Diego Luis Molinari, entre outros. E menciona a tendência revisionista de parte da historiografia argentina da época, de revalorização do passado espanhol, das províncias e dos caudilhos federalistas.

Finaliza a obra com suas impressões sobre algumas das mais importantes personalidades da vida intelectual do país, com as quais chegou a conviver e trocar idéias: Estanislao Zeballos, Ernesto Quesada, Norberto Piñero, Rodolfo Rivarola e Ramón J. Cárcano. Apesar de enaltecer qualidades nos cinco personagens, não há a menor sombra de dúvida de que ficou realmente impressionado com Zeballos, a quem reservou as maiores simpatias e elogios, tanto à figura humana, quanto ao jurista, político, intelectual e ministro das Relações Exteriores da Argentina. Vale registrar que Zeballos contraiu muitos adversários no Brasil, particularmente entre setores mais nacionalistas da intelectualidade brasileira.⁶⁰

A opção por tratar de todos os capítulos do livro, ainda que brevemente, deu-se em razão de que, mesmo naqueles em que os temas políticos não são tão evidentes ou centrais, aparecem as preocupações de Oliveira Lima com questões relacionadas à nacionalidade; à integração latino-americana (e, mais particularmente, sul-americana); às relações diplomáticas, comerciais, culturais e intelectuais entre Brasil e Argentina; à posição dos países americanos em relação à Grande Guerra de 1914-1918; à defesa da neutralidade e do pacifismo. Em relação ao papel do Estado junto à sociedade, transparece sua convicção, ao longo de todo o livro, de que o Estado deveria atuar como um interlocutor e mediador entre capital e trabalho, além de fomentar a educação, contribuir para a diminuição da pobreza, estimular a atividade econômica, melhorar a infra-estrutura etc.

Evidencia-se no seu livro sobre a Argentina que Oliveira Lima, ao identificar inúmeros aspectos positivos em vários âmbitos da vida social, econômica, política, cultural e intelectual do país vizinho, pensava no Brasil, nos seus problemas e carências. Nos anos 1910, a Argentina vivenciava um processo de modernização mais rápido e profundo do que o Brasil, e os intelectuais brasileiros, ao perceberem esse fato, ou assumiam uma postura de desdém nacionalista, ou admiravam as conquistas do país vizinho e procuravam conhecê-las, para pensar em maneiras de aplicá-las no

⁶⁰ OLIVEIRA LIMA. *Na Argentina*, p.134-158 (capítulo X: Figuras literárias) e p. 159-186 (Algumas personalidades representativas da cultura nacional).

Brasil. Manoel de Oliveira Lima optou pelo segundo caminho. E, ao fazê-lo, é perceptível que demonstrou uma aceitação crescente da necessidade de implementar reformas sociais, com o objetivo de evitar a agudização dos conflitos entre as classes. Suas reflexões sobre o governo de Yrigoyen demonstram isso. Mesmo mantendo muitas das suas concepções (por exemplo, em relação à questão racial), revela, na maturidade, que nem sempre se alinhava às perspectivas mais conservadoras, como havia ocorrido em momentos anteriores de sua trajetória política e intelectual.

O livro todo é elogioso ao país vizinho: aos seus avanços econômicos; suas diretrizes políticas; as conquistas nas áreas da educação, assistência social, produção intelectual etc. Não há críticas negativas, apenas algumas poucas observações sobre alguns aspectos da vida social que ainda não eram plenamente satisfatórios. A viagem de Oliveira Lima teve, de fato, um caráter oficioso. Ele foi recebido por algumas das mais importantes personalidades do país —inclusive, como já mencionado, pelo próprio presidente da República—, que se esforçaram para mostrar a ele aspectos positivos da vida nacional. Disso não há dúvida. Pode-se deduzir que as avaliações sobre a Argentina expressas no livro são um misto de elogios sinceros a uma atitude diplomática em relação aos novos amigos.